

A SUBUTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO DA ESCOLA ESTADUAL MATO GROSSO: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO.

Frank Donie Teixeira Costa ¹
Lyelson Ferreira Oliveira ²
Prof.^a Me. Ediane Araujo Silva ³

RESUMO

O presente trabalho analisa a subutilização do livro didático de Matemática na Escola Estadual Mato Grosso, em São Luís (MA), a partir das experiências vivenciadas nos Estágios Supervisionados I e II do curso de Licenciatura em Matemática do IFMA. O estudo tem como objetivo identificar as causas pedagógicas e estruturais que conduzem ao uso limitado desse recurso e propor estratégias que o ressignifique como instrumento de aprendizagem significativa. Metodologicamente, a pesquisa assume natureza qualitativa, configurando-se como um estudo de caso, sustentado por observações participantes, entrevistas semiestruturadas, análise documental e intervenções pedagógicas. O referencial teórico fundamenta-se em autores como Libâneo (2013), Saviani (2011), Freire (1987), Hoffmann (2009) e Zabala (1998), que abordam dimensões da prática docente, mediação pedagógica, avaliação e funcionalidade dos recursos didáticos. Os resultados indicam que a subutilização do livro decorre de múltiplos fatores: fragilidades na formação docente, condições precárias de trabalho, concepções tradicionais de ensino e ausência de mediação significativa. Durante as intervenções realizadas, o uso dialógico e contextualizado do livro, associado a metodologias ativas e recursos tecnológicos como o Quizizz, promoveu maior engajamento e compreensão por parte dos alunos. Conclui-se que o livro didático, quando utilizado criticamente e integrado a práticas reflexivas, constitui uma ferramenta essencial na construção do conhecimento e na promoção da aprendizagem significativa, sendo indispensável a formação continuada e o apoio institucional para fortalecer seu papel no ensino da Matemática.

Palavras-chave: Livro didático, Subutilização, Ensino público, Formação docente, Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O livro didático constitui um dos pilares materiais mais ubíquos e de maior capilaridade no cenário educacional brasileiro. Sua distribuição, em larga escala, é garantida por políticas públicas de Estado, como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que visa assegurar o acesso universal a um recurso pedagógico fundamental. No entanto, a mera presença física do livro nas estantes das salas de aula ou nas mochilas dos estudantes não é sinônimo de sua utilização efetiva e qualificada como ferramenta de mediação do processo de

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal do Maranhão - Campus São Luís Monte Castelo, fdonie@acad.ifma.edu.br;

² Graduando do curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal do Maranhão - Campus São Luís Monte Castelo, oliveira.lyelson@acad.ifma.edu.br;

³ Professora orientadora, Mestre, Instituto Federal do Maranhão, Campus São Luís Monte Castelo. Email prof.edianearaujo@acad.ifma.edu.br;



ensino e aprendizagem. Frequentemente, este valioso recurso é subutilizado, reduzido a uma coleção de exercícios ou abandonado em favor de práticas pedagógicas desconexas.

Este artigo emerge de uma inquietação prática vivenciada durante a realização dos Estágios Supervisionados I e II, componentes curriculares essenciais do curso de Licenciatura em Matemática. As experiências, realizadas na Escola Estadual Mato Grosso, localizada no bairro da Forquilha, em São Luís – MA, colocaram em evidência a gritante disparidade entre a disponibilidade do livro didático e a sua real integração nas práticas docentes.

Durante o Estágio Supervisionado I, desenvolvido com turmas do 9º ano do Ensino Fundamental no final de 2024, deparou-se com um cenário em que o livro "A Conquista da Matemática" era raramente aberto. As aulas do professor regente, não licenciado em Matemática, caracterizavam-se pela exposição mecânica de conteúdos e pela resolução de exercícios avulsos, muitas vezes descontextualizados. Os alunos, por sua vez, demonstravam desinteresse e não reconheciam o livro como um aliado em sua aprendizagem.

Já no Estágio Supervisionado II, realizado em junho de 2025 com turmas do 1º e 3º anos do Novo Ensino Médio, a realidade se mostrou mais complexa e contrastante. Acompanhou-se a prática de dois professores: um, licenciado em Física, utilizava o livro intitulado "Prisma Matemática" como espinha dorsal de suas aulas bem estruturadas, embora com um ritmo acelerado que limitava a apropriação crítica por parte dos alunos. O outro docente, também com formação em Física com L2 (Segunda Licenciatura) em Matemática, apresentava uma prática marcada pela improvisação, selecionando atividades da internet minutos antes da aula e relegando o livro a um plano secundário, o que resultava em aulas pouco engajadoras e com sérias lacunas de aprendizagem.

Diante desse contexto, o problema de pesquisa que norteou este trabalho foi: Quais os fatores determinantes que conduzem à subutilização do livro didático de Matemática na Escola Estadual Mato Grosso e que estratégias pedagógicas podem ser implementadas para ressignificar o seu uso, transformando-o em uma ferramenta efetiva de promoção da aprendizagem significativa?

Para enfrentar esta questão, traçaram-se os seguintes objetivos:

- Identificar e analisar as causas pedagógicas, formativas e estruturais da subutilização do livro didático.
- Avaliar os impactos dessa subutilização no processo de ensino-aprendizagem e no engajamento dos estudantes.



- Refletir, Propor e Implementar estratégias de intervenção pedagógica que integrem o livro didático a metodologias ativas e contextualizadas.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, seguindo os moldes de um estudo de caso, uma vez que se debruça sobre a realidade singular e complexa da Escola Estadual Mato Grosso. A opção por esta abordagem justifica-se pela possibilidade de captar e analisar em profundidade as nuances e particularidades do fenômeno da subutilização do livro didático em seu contexto real.

O lócus da pesquisa foi a referida escola, localizada em uma periferia de São Luís – MA, que atende a uma comunidade com sinalizadores de vulnerabilidade social. Os sujeitos envolvidos incluem professores de Matemática do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, a gestão escolar, coordenadores pedagógicos e alunos das turmas observadas.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas distintas, correspondentes aos estágios:

a) Estágio Supervisionado I (Nov/Dez de 2024):

- Observação Participante: Foram realizadas 10 (dez) sessões de observação em uma turma do 9º ano, com registro em diário de campo. Os focos incluíram: a frequência e a forma de uso do livro didático pelo professor, a interação dos alunos com o material, a metodologia de aula predominante e os tipos de atividades propostas.
- Entrevista Semiestruturada: Foi conduzida uma entrevista com o professor regente, investigando sua formação, planejamento, concepções sobre o livro didático e dificuldades enfrentadas.
- Intervenção Pedagógica: Diante da constatação da subutilização, o estagiário assume temporariamente a regência da turma, ministrando aulas que tinham o livro didático como referência central, porém integrado a quizzes interativos (plataforma Quizizz) e à resolução de problemas contextualizados.

b) Estágio Supervisionado II (Junho de 2025):

- Observação Sistemática: Acompanhamento das aulas de dois professores do Ensino Médio (Professor A - com prática estruturada; Professor B - com prática improvisada), totalizando 15 (quinze) sessões de observação. O diário de campo foi ampliado para captar as diferenças nas abordagens e no uso dos recursos.



- **Entrevistas Ampliadas:** Realização de entrevistas com os dois professores, com roteiro aprofundado que abrangeu: formação continuada, alinhamento à BNCC, uso de tecnologias, processos avaliativos e, centralmente, a relação com o livro didático. Entrevistas com a coordenação pedagógica também foram realizadas para entender a visão da gestão sobre os recursos pedagógicos.
- **Análise Documental:** Foram analisados o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, os planos de ensino dos professores (quando disponíveis) e os livros didáticos adotados ("A Conquista da Matemática" e "Prisma Matemática").
- **Intervenção e Regência:** O estagiário planejou e ministrou aulas para as turmas do Ensino Médio, nas quais o livro didático foi projetado em televisão, servindo como ponto de partida para aulas dialógicas e exploratórias.

O processo de análise dos dados deu-se através da análise de conteúdo, categorizando as informações coletadas nos seguintes eixos temáticos:

- **Causas da Subutilização:** Formação docente, condições de trabalho, infraestrutura, concepções pedagógicas.
- **Impactos Observados:** Engajamento discente, lacunas de aprendizagem, resultados em avaliações.
- **Estratégias de Superação:** Metodologias aplicadas, receptividade dos alunos, resultados das intervenções.

Esta abordagem metodológica plural permitiu uma visão holística e crítica do problema, fundamentando as reflexões e conclusões aqui apresentadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão do fenômeno da subutilização do livro didático exige um olhar que ultrapasse a mera constatação factual e se aprofunde nas suas raízes pedagógicas, históricas e sociais. Para isso, é fundamental dialogar com um referencial teórico que ilumine as complexas relações entre o recurso didático, o professor, o aluno e o contexto escolar.

O referencial teórico que fundamenta esta análise dialoga com pensadores cruciais da educação. Libâneo (2013) e Saviani (2011) oferecem o suporte para compreender a formação docente e as condições estruturais da escola pública. Freire (1987) fornece a lente crítica para analisar as práticas pedagógicas "bancárias". Hoffmann (2009) ilumina a discussão sobre a



avaliação e a mediação da aprendizagem, e Zabala (1998) contribui com sua perspectiva sobre a funcionalidade dos recursos didáticos.

Este artigo, então, se estrutura para apresentar, de forma pormenorizada, o percurso metodológico, a discussão teórica, a análise dos resultados à luz desse referencial e as considerações finais que sintetizam os aprendizados desta jornada de estágio, reafirmando a importância do diálogo constante entre a teoria e a prática na formação do educador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A imersão no ambiente da Escola Estadual Mato Grosso, através dos estágios, permitiu compor um quadro detalhado e crítico sobre a questão do livro didático. A análise dos dados, triangulando observações, entrevistas e documentos, revelou um cenário complexo, onde a subutilização do material é resultado de uma confluência de diversos fatores.

- **AS MÚLTIPLAS FACES DA SUBUTILIZAÇÃO: IDENTIFICANDO AS CAUSAS**

- a) Fragilidades na Formação e na Prática Docente:**

A formação inicial e continuada mostrou-se um ponto crítico na prática pedagógica observada. O professor do Estágio I, com formação em Química, demonstrava insegurança em relação ao conteúdo de Matemática e, por isso, evitava o uso do livro didático, temendo não conseguir explicar exercícios mais complexos. Já no Estágio II, o “Professor B”, embora licenciado em Física, apresentava uma prática marcadamente improvisada. Em entrevista, relatou que “o livro às vezes é muito engessado” e que preferia buscar “coisas mais dinâmicas na internet”, sem, contudo, conseguir articular esses materiais avulsos em uma sequência didática coerente. Essa postura contrastava com a do “Professor A”, que utilizava o livro *Prisma Matemática* como um guia seguro, mas cuja abordagem era tão acelerada, em função da necessidade de cumprir o programa, que não permitia uma exploração crítica e profunda do material.

Essas situações ilustram o que José Carlos Libâneo (2013) discute ao afirmar que a competência profissional do professor não reside apenas no domínio do conteúdo, mas na capacidade de traduzi-lo pedagogicamente, selecionando, adaptando e criando recursos adequados. Para o autor, o livro didático não deve ser visto como um fim em si mesmo, mas como um meio a serviço de objetivos educacionais mais amplos. A subutilização ou o uso acrítico desse recurso revela, portanto, fragilidades na formação docente, que não tem



Nesse sentido, confirma-se que a formação inicial e continuada dos docentes observados não os preparou para uma apropriação criativa e mediadora do livro didático — conduzindo, ora à sua rejeição, ora ao seu uso superficial. Como defende Libâneo (2013), o professor precisa ser um “eterno pesquisador” de sua prática e dos materiais que utiliza, compreendendo o livro não como um obstáculo ou um roteiro inflexível, mas como um instrumento a ser reinterpretado criticamente à luz de seu contexto pedagógico e das necessidades reais dos estudantes.

A observação das aulas revelou a predominância de um modelo expositivo e repetitivo, no qual o livro didático era utilizado quase exclusivamente como fonte de listas de exercícios. Em diversas ocasiões, o professor resolvia esses exercícios no quadro enquanto os alunos apenas copiavam, sem participar ativamente do processo de construção do conhecimento. Essa prática reflete, de forma bastante fiel, o modelo de educação criticado por Paulo Freire (1987), denominado “concepção bancária”, em que o professor assume o papel de detentor do saber e o aluno é reduzido à condição de receptor passivo. Nesse contexto, o livro passa a funcionar como um “depósito” de informações a serem transferidas, e não como um mediador do diálogo e da reflexão crítica.

A obra de Freire (1987) é fundamental para compreender os limites desse modelo. Segundo o autor, quando o livro didático é tratado como um manual de verdades incontestes, seu uso se restringe à transmissão unidirecional do conhecimento, esvaziando-se de sua função cultural, investigativa e problematizadora. A subutilização ou o uso mecânico do livro pode, inclusive, expressar uma forma de resistência passiva: de um lado, o professor que não se reconhece como mero repetidor de conteúdos; de outro, o aluno que não se engaja com um material que não dialoga com seu “mundo vivido”.

Freire defende, ao contrário, uma educação problematizadora, em que o livro didático deve ser ponto de partida — e não de chegada — do processo pedagógico. Nessa perspectiva, o livro deixa de ser um repositório de informações e transforma-se em um instrumento de cultura, crítica e diálogo, capaz de favorecer a reflexão, a contextualização e a construção coletiva do conhecimento. Assim, o desafio que se impõe à prática docente é o de



ressignificar o uso do livro didático, convertendo-o de um simples suporte de exercícios em um meio para a emancipação intelectual e a formação crítica dos estudantes.

c) Infraestrutura e Condições de Trabalho Precarizadas:

A escola observada apresentava um cenário de precariedade estrutural que impactava diretamente o trabalho docente e o uso dos recursos pedagógicos. O laboratório de informática encontrava-se inoperante, e não havia qualquer espaço específico destinado à experimentação em Matemática. Além disso, os professores relataram enfrentar uma carga horária excessiva — chegando a 40 horas semanais, das quais 16 eram destinadas às atividades de planejamento —, mas sem tempo efetivo para preparar aulas durante a jornada. Essa sobrecarga resulta em desorganização, cansaço e limitação das práticas pedagógicas, tornando o planejamento detalhado e criativo uma tarefa quase inviável.

Como analisa Dermeval Saviani (2011), a escola pública brasileira está historicamente situada em um contexto de crônica desvantagem material e política. A precariedade de infraestrutura, a sobrecarga de trabalho docente e a descontinuidade das políticas educacionais configuram um ambiente hostil à inovação e ao planejamento reflexivo. Nessas condições adversas, a subutilização do livro didático não pode ser interpretada apenas como uma falha individual do professor, mas como um sintoma de problemas estruturais mais profundos que atravessam o sistema educacional.

Para um docente sobrecarregado, planejar uma aula que explore de forma articulada as seções do livro, que incorpore materiais manipuláveis ou que integre recursos tecnológicos demanda tempo e energia que simplesmente não estão disponíveis. Assim, o uso mecânico do livro ou mesmo seu abandono torna-se uma estratégia de sobrevivência diante das limitações impostas pela realidade escolar. Como destaca Saviani (2011), as condições materiais da docência atuam como um forte desestímulo à inovação, levando o professor a recorrer a práticas tradicionais como forma de manter o controle mínimo sobre o processo de ensino.

Dessa forma, o livro didático pode assumir um papel ambíguo: de um lado, serve como uma “tábua de salvação” para o cumprimento das exigências curriculares; de outro, por parecer distante da complexidade e da urgência do cotidiano escolar, é rejeitado ou negligenciado. Em ambos os casos, o problema central não está no livro em si, mas nas condições de trabalho que limitam a possibilidade de uma apropriação crítica e criativa desse recurso.



- **OS IMPACTOS NO CHÃO DA SALA DE AULA: DESINTERESSE E LACUNAS DE APRENDIZAGEM**

Os reflexos dessa subutilização foram bastante perceptíveis. Os alunos, entrevistados, referiam-se ao livro como "chato" e "difícil de entender". A falta de mediação do professor para tornar o material significativo (Zabala, 1998) resultava em desengajamento. Durante as aulas expositivas, era comum ver os alunos dispersos, utilizando celulares ou simplesmente desconectados da atividade.

Esse desinteresse se traduziu em lacunas de aprendizagem concretas. Na correção das avaliações aplicadas durante o Estágio II, notou-se que os alunos tinham extrema dificuldade com problemas que exigiam interpretação de texto ou que fugiam ligeiramente do modelo mecânico de exercícios a que estavam acostumados. A prova que exigia maior raciocínio e não apenas aplicação de fórmulas foi considerada "muito difícil" pela maioria, um sinal claro de que o potencial do livro para desenvolver habilidades cognitivas mais complexas não estava sendo aproveitado.

- **ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO: RESSIGNIFICANDO O LIVRO DIDÁTICO**

Diante desse diagnóstico, as intervenções pedagógicas realizadas tiveram como foco principal ressignificar o papel do livro didático no processo de ensino-aprendizagem. Em vez de tratá-lo como um material estático e prescritivo, o livro passou a ser compreendido como um instrumento mediador, capaz de fomentar a reflexão, a investigação e o diálogo em sala de aula. Essa ressignificação também reforça a importância da atuação docente como mediadora, conforme defende Freire (1987), para quem o educador deve provocar o aluno a pensar, questionar e transformar a realidade a partir do que aprende. Assim, o uso do livro torna-se um ponto de partida para o diálogo e a problematização, e não o ponto final do processo educativo.

- a) **O Livro como Ponto de Partida para o Diálogo:**

Em contraposição ao modelo expositivo tradicional, adotou-se às aulas ministradas uma **abordagem dialógica e interativa**, centrada na participação ativa dos alunos. O livro didático, em vez de ser apenas um material de consulta, é **projetado na TV e explorado coletivamente**, permitindo que os estudantes acompanhem a leitura, interpretem imagens e debatam os conceitos em tempo real. Essa estratégia estimula a troca de ideias, valoriza o



diálogo e promove a construção compartilhada do conhecimento, alinhando-se aos princípios de Freire (1987), que defende uma educação problematizadora e libertadora.

Durante o ensino de conteúdos de geometria espacial, por exemplo, o tema **área da pirâmide** foi abordado a partir de visualizações reais. Ao invés de apresentar diretamente a fórmula, a aula iniciou-se com a apresentação de pequenas pirâmides feitas em papel e entregues aos alunos, incentivando os alunos a questionar e compreender a relação entre a forma geométrica e sua aplicação no mundo real. A partir dessas discussões, o grupo foi conduzido à dedução da fórmula, compreendendo o conceito de forma lógica e contextualizada.

Essa prática demonstrou que o livro didático pode ser muito mais do que um recurso de memorização de conteúdos — ele pode funcionar como **um mediador da reflexão e da experimentação**, quando articulado a metodologias participativas. Assim, o aprendizado deixa de ser uma simples transmissão de informações e passa a constituir-se em uma **experiência ativa e significativa**, capaz de despertar o interesse e a curiosidade dos estudantes.

b) Integração com Metodologias Ativas e Tecnologia:

O livro didático não foi deixado de lado, mas ganhou um novo papel dentro da prática pedagógica. Suas atividades serviram como ponto de partida para experiências mais dinâmicas, como a criação de quizzes interativos no **Quizizz**, que despertaram o interesse dos alunos e estimularam uma competição saudável em sala de aula. Além disso, o uso de ferramentas digitais, permite ampliar o potencial do livro, possibilitando uma visualização de certas situações-problema de uma forma mais aplicada, instigando o aluno à interpretação e resolução das situações trabalhadas.

Essa integração entre o material didático e os recursos tecnológicos mostra que ambos não se excluem, mas se completam. Quando usados de forma planejada e articulada, contribuem para uma aprendizagem mais envolvente, visual e significativa, fortalecendo o papel do professor como mediador do conhecimento e tornando o processo de ensino mais próximo da realidade digital dos estudantes.

c) Contextualização e Funcionalidade:

Durante as intervenções realizadas, buscou-se explicitamente criar pontes entre o conteúdo do livro didático e a realidade dos alunos. Um exercício sobre o teorema de Pitágoras foi contextualizado por meio do cálculo da altura de postes e árvores do bairro, enquanto outro, sobre funções, foi associado à análise de planos de telefonia celular. Essa



prática, em consonância com Zabala (1998) e Freire (1987), conferiu funcionalidade ao conhecimento, permitindo que os estudantes percebessem o livro não como um fim em si mesmo, mas como um mapa que os auxilia a compreender o mundo ao seu redor.

Os resultados dessas experiências foram bastante positivos: os alunos mostraram-se mais participativos e engajados, e o feedback após a aula sobre o teorema de Pitágoras foi especialmente revelador; vários afirmaram que “finalmente tinham entendido” o conteúdo. Tal evidência empírica confirma a tese de Jussara Hoffmann (2009), segundo a qual a mediação é elemento central do processo de aprendizagem. Embora sua reflexão se concentre na avaliação, o princípio é plenamente aplicável ao uso de qualquer recurso didático: o papel do professor é mediar, intervir e promover avanços na aprendizagem, transformando o livro em uma ferramenta de construção de significado.

Sob essa ótica, o livro didático não deve ser tratado como um objeto neutro ou como um simples instrumento de verificação, mas como um recurso que precisa ser interpretado e ressignificado pelo professor. Cabe a ele selecionar, adaptar, questionar e contextualizar suas atividades, de modo que elas se tornem significativas para os estudantes. A subutilização do livro, portanto, representa uma falha nesse processo de mediação, e não necessariamente um desinteresse do aluno. Como destaca Zabala (1998), a eficácia de uma sequência didática depende da sua funcionalidade, isto é, da sua capacidade de mobilizar os esquemas de conhecimento dos alunos e de conectar o conteúdo escolar às suas experiências e interesses.

A articulação dessas perspectivas teóricas permite compreender melhor os dados observados durante os estágios, oferecendo um olhar mais completo sobre a prática docente. As experiências mostram que, quando o professor atua como mediador do conhecimento e utiliza o livro didático de forma crítica e intencional, esse recurso deixa de ser apenas um material de apoio e passa a ter um papel ativo no processo de ensino e aprendizagem.

Nessa abordagem, o docente interpreta e adapta os conteúdos do livro à realidade dos alunos, tornando as aulas mais próximas do cotidiano e mais significativas. Assim, o livro didático se transforma em um aliado importante de uma prática pedagógica reflexiva e criativa, capaz de despertar o interesse dos estudantes e promover aprendizagens mais autônomas e participativas. Dessa forma, o ato de aprender deixa de ser uma simples memorização e passa a ser uma experiência viva, contextualizada e emancipatória, na qual o aluno se reconhece como sujeito do próprio processo educativo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência dos Estágios Supervisionados I e II na Escola Estadual Mato Grosso transcende a simples obrigação acadêmica para se constituir em um profundo exercício de investigação-ação. O problema da subutilização do livro didático, que inicialmente se apresentava como uma mera observação, revelou-se uma janela para questões cruciais da educação pública brasileira: a formação docente, as condições de trabalho, a herança de um modelo pedagógico ultrapassado e a urgência de se promover uma aprendizagem significativa.

A análise confirmou que a subutilização não é um acidente, mas um sintoma de problemas enraizados. A falta de uma formação que instrumentalize o professor para um uso crítico e criativo dos recursos, somada a um contexto estrutural precário, cria um ambiente onde o livro é subaproveitado ou rejeitado. As consequências são visíveis no desinteresse dos alunos e nas graves lacunas de aprendizagem, que perpetuam ciclos de insucesso escolar.

Contudo, as intervenções realizadas durante os estágios demonstraram que é possível romper com essa lógica. Ao integrar o livro didático a metodologias ativas, ao contextualizar seus conteúdos e ao media-lo de forma dialógica e problematizadora, foi possível ressignificá-lo perante os olhos dos estudantes. O livro deixou de ser um objeto opaco e desinteressante para se tornar uma ferramenta viva de descoberta e compreensão do mundo. Esta transformação exige, porém, um professor pesquisador, reflexivo e apoiado por políticas públicas sérias que melhorem suas condições de trabalho e ofereçam formação continuada de qualidade.

Como futuros educadores, concluímos que o desafio de ensinar Matemática e todas as demais disciplinas na escola pública não se resolverá com a simples distribuição de livros ou com a introdução de tecnologias isoladas. A solução reside na capacidade de o professor, ancorado em referenciais teóricos sólidos e em uma postura crítica, realizar a mediação necessária entre o conhecimento sistematizado e a realidade do aluno. O livro didático, nesse processo, é um recurso valioso, mas seu potencial só se realiza plenamente nas mãos de um docente que compreende que sua missão vai muito além de "passar o conteúdo"; é, antes, a de despertar curiosidade, fomentar o pensamento crítico e emancipar-se pelo conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Manifestamos nossos agradecimentos à Escola Estadual Mato Grosso, localizada em São Luís/MA, pela receptividade, parceria, disponibilidade e contribuição com a realização



das práticas pedagógicas, assim como à professora orientadora, pela orientação e pelas contribuições decisivas na construção deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BONJORNO, José Roberto; GIOVANNI JÚNNIOR, José Ruy; CÂMARA DE SOUSA, Paulo Roberto. **Prisma Matemática** - Geometria: Ensino Médio. 1ed. São Paulo: FTD Educação, 2020. ISBN 978-65-5742-025-6.

BRASIL. **Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)**. *Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)*. Brasília, DF: MEC/FNDE, 2025. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/pnld>. Acesso em: 20 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIOVANNI JÚNIOR, José Ruy. **A Conquista da Matemática** - 9º ano: Ensino Fundamental: Anos Finais. 1ed. São Paulo: FTD Educação, 2022. ISBN 978-85-96-03444-9.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2009

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2013. (Coleção Docência em Formação).

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (Coleção Educação Contemporânea).

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

